

# REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 22 – Número 43 – Jun / 2021

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)  
ISSN 2526-4303 (ON LINE)

## RELAÇÃO ENTRE HEBREUS E O LIVRO DE GÊNESIS

*Dr. Reginaldo Pereira de Moraes*



# RELAÇÃO ENTRE HEBREUS E O LIVRO DE GÊNESIS

The Relation between Hebrews and the book of Genesis

*Dr. Reginaldo Pereira de Moraes<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em teologia pelas Faculdades EST, com bolsa CAPES de manutenção, Bacharel em Teologia. Professor e Coordenador do Programa de Mestrado Profissional em Teologia das Faculdades Batista do Paraná. Pesquisador do Grupo de Pesquisa e Atuação: Interpretação, Atualização e Transmissão dos Ensinos Bíblicos. Pastor auxiliar da Igreja Batista Ágape em Curitiba. Casado com Mariana Maciel de Moraes. E-mail: reginaldopmoraes@gmail.com

## RESUMO

Esta pesquisa procura propor uma leitura interrelacionada entre os livros bíblicos de Hebreus e Gênesis. Inicialmente, tinha-se apenas a intenção de descobrir qual teria sido a compreensão que o autor neotestamentário tinha acerca da trajetória de vida registrada no primeiro livro, com sua dinâmica de encarar a vida como uma fascinante jornada em que se associa o dia a dia terrenal, sob um viés bem impregnado das questões espirituais. Com o avançar dos estudos, a partir de uma perspectiva analítico-metodológica, pode-se perceber um padrão que serviria como óculos hermenêutico para Gênesis. Tão interessante que nessa nova releitura, é possível encará-lo não mais como o livro da criação ou dos patriarcas (Abraão, Isaque e Jacó), mas como uma obra de encorajamento de que se é possível ser bem sucedido, a despeito das intempéris da vida, quando o ser humano, independentemente da quantidade de revelação obtida, se deixa ser conduzido pelos planos do Senhor, como fez o jovem José. Curiosamente, pode-se perceber ainda que há uma sutil estrutura norteadora utilizada por ambos os escritores, por meio das quais, pode-se perceber que a vida de seus personagens girava em torno de quatro principais eixos: a) transitoriedade da vida humana, b) a presença de um Deus revelacional, c) a constatação de uma vida mais realizada, quando vivida sob Sua Palavra, e por fim, d) o constante contraste e embates entre a fé e a incredulidade.

**Palavras chave:** Espiritualidade. Caminhada cristã. Vida exemplar. José do Egito. Auxílio espiritual.

## ABSTRACT

This research seeks to propose an interrelated read between the biblical books of Hebrews and Genesis. At first, the intention was only to discover which could be

the compression that the new testamentary author had in accord to the life's trajectory registered in the first book, in its dynamic way of facing life as a fascinating journey in which the earthly day by day is associated, under a bias well impregnated of the spiritual questions. With the research's development, from an analytical-methodological perspective, it was possible to noticed a pattern that could serve as a hermeneutic glass for Genesis. It is so interesting that in this new reading, it is possible to face it not as the book of creation or the patriarchs (Abraham, Isaac and Jacob), but as a book of encouragement that is possible to be successful, in despite of life's odds, when the human being, independent of the quantity of obtained revelation, lets itself being conducted by the plans of the Lord, as did the young Joseph. Curiously, could be noticed that there is a subtle guiding structure that was used by both authors, by which, could be noticed that the character's life revolved around four mains axes: a) human's life transience, b) the presence of a revelational God, c) the finding of a more fulfilled life, when lived under His Words, and finally, d) the continuous contrast between faith and unbelief.

**Keywords:** Spirituality. Christian walk. Exemplary life. Joseph of Egypt. Spiritual aid.

## INTRODUÇÃO

Quando se começa a estudar o livro aos Hebreus, logo se ouve que para melhor entendê-lo, deve-se entender o sistema cáltico judaico, detalhado no livro de Levíticos. Isto é fato, mas além dos detalhes do ritual e as regras cerimoniais de purificação, percebe-se que o autor da homilia epistolar aos Hebreus<sup>2</sup>

2 Entende-se que a melhor forma de se referir à, tradicionalmente, chamada Epístola aos Hebreus seria classifica-la como uma Homilia Epistolar, porque tem a profundidade teológica esperada em uma epístola e, ao mesmo tempo, tem claramente um diálogo apelativo à uma mudança de atitude (neste caso, o autor sagrado alterna muito trechos de exposição com partes de chamada à reflexão, o que ADRIANO FILHO (2014, p. 92) chama de "seções doutrinárias e seções parenéticas".

era um vasto conhecedor das Escrituras de sua época, o que hoje tem se chamado de Antigo Testamento. Além de um vasto uso ao longo de todo o livro de Hebreus de muitas citações desta porção da Bíblia, em seu quarto capítulo não seria diferente, já que trata de um dos temas centrais de seu livro. Com poucas palavras, pode-se dizer que o hagiógrafo tinha em mente o episódio de contenda, no qual o povo se rebelou contra Deus, dando ouvido aos dez espias, conforme narrado em Números 13 e 14. Com esta cena em mente, parte para sua explanação apoiado no texto do Salmo 95, onde declara que o povo perdeu muito mais do que a entrada na terra prometida: o povo havia perdido o próprio descanso do SENHOR. Por conta disso, o autor apela ainda para o uso de Gênesis 2.2, aos moldes da interpretação midráshica, por ser o único texto que menciona que o próprio Deus havia descansado.

Como a temática principal de Hebreus 4 é sobre o verdadeiro descanso que Deus tem reservado para o seu povo e boa parte da teologia acerca do que Yavé planeja para a humanidade sobre este tema vem, no mínimo, de quatro livros do Pentateuco: o descanso no sétimo dia da criação (Gn 2.1-3), os dez mandamentos (Êx 20 e Dt 5), e a rebelião dos espias (Nm 13 e 14), gastou-se energia tentando compreender qual seria a relação entre o pentateuco e o autor aos Hebreus. Nesta pesquisa percebeu-se que o livro de Gênesis ganha um destaque bem especial, principalmente, a partir da figura de José. Que pode ser visto como exemplo de alguém que descansou nos dois sonhos que recebeu de seu Deus e foi fiel até o fim. Todavia, antes de se entrar no livro de Gênesis e sua relação com o livro de hebreus, faz-se necessário fazer uma análise panorâmica sobre o pentateuco em si.

# I. VISLUMBRANDO A ESTRUTURA DO PENTATEUCO PARA ENTENDER O USO FEITO EM HEBREUS

Obviamente, antes de se adentrar no mundo da interpretação de Gênesis<sup>3</sup> é de fundamental importância um breve vislumbre sobre o conjunto dos primeiros livros, chamados de Pentateuco, Toráh ou os Livros da Lei.<sup>4</sup> Isto se faz necessário, a fim de se buscar uma luz maior sobre a estrutura destes livros, em especial, com relação à caminhada do povo de Deus rumo a uma terra de descanso.

O conjunto todo tem grande chance de ter como tema central a ideia de “relacionamento”. Tanto entre Deus e a humanidade, quanto entre as próprias pessoas e seu próximo e, ainda, entre o povo de Deus e o mundo onde vivem.<sup>5</sup> Além disso, parece bastante provável que tanto Gênesis, como Números, possuem temas bem próximos como os abordados em Hebreus. Por exemplo, a) a imagem de trânsito ou peregrinação, b) a ideia da voz divina sempre presente, c) a descrição de uma vida mais tranquila quando vivida sob Sua Palavra, e d) o contraste entre uma vida sob os atos de fé e as inconstâncias de uma vida de incredulidade.

Além disso, em uma simples leitura pode-se perceber a grande variedade de estilos e formas ao longo da Bíblia. Todavia, reconhecer cada uma delas, diferenciando-as e, principalmente, entendendo o porquê de terem sido utilizadas pelo autor sagrado, nem sempre é tarefa tão simples. Todavia, é deveras fascinante poder perceber alguns destes detalhes “perdidos” em meio a uma estrutura ou figura de linguagem. Por exemplo, quando observa-se a estrutura do Pentateuco, como um todo, vislumbra-se alguns detalhes, no mínimo, curiosos. Segundo Zenger,<sup>6</sup> ele teria sido escrito

3 Para outras informações relacionadas à autoria ou editoração final ler DE PURY (1996, p. 77-80).

4 Para informações técnicas sobre as teorias de Formação do Pentateuco, defendidas por Lagarde, Kahle, Albright; ou Cross e Talmon, ler PISANO (2000, p. 41ss).

5 ZENGER, 2003, p. 48ss.

6 ZENGER, 2003, p. 48-50.

ou formatado numa estrutura poética, em forma de quiasmo espelhado (o que neste artigo optou-se em chamar de paralelismo ou padrão menorático), no qual Gênesis teria correspondência com o livro de Deuteronômio e Êxodo com o de Números; enquanto que o livro Levíticos, sendo o livro central passa a ser o clímax de todo o conjunto:

GÊNESIS	ÊXODO	LEVÍTICOS	NÚMEROS	DEUTERONÔMIO
Criação e promessa da terra	Do Egito, pelo deserto, ao Sinai	No Sinai	Do Sinai, pelo deserto, a Moab	Instruções para a vida na terra da promessa
<p>Incumbência de ir para a terra</p> <p>Final em 3 partes - caps. 49-50:</p> <p>* Bênção de Jacó sobre 12 filhos</p> <p>* Morte de Jacó</p> <p>* Enterro de Jacó na terra da promessa</p>	<p><b>Capítulos:</b> 12 Páscoa 16 Maná/codorizes 17 Água da rocha 18 Instalação de líderes 32 Idolatria ("Baal")</p> <p><b>Ameaças:</b> * de fora: Egito + Amalequitas  * de dentro: "resmungar" + idolatria Seis notícias de caminhada ("eles partiram de ... e acamparam em...")</p>	<p>A - Sacrifícios (1-7)</p> <p>B - Sacerdotes (8-10)</p> <p>C - Cotidiano (11-15)</p> <p>D - Reconciliação (16-17)</p> <p>C' - Cotidiano (18-20)</p> <p>B' - Sacerdotes (21-22)</p> <p>A' - Sacrifícios + Festa (23-26.27)</p>	<p><b>Capítulos:</b> 9 Páscoa 11 Maná/codorizes 20 Água da rocha 11 Instalação de líderes 25 Idolatria ("Baal")</p> <p><b>Ameaças:</b> * de fora: Moab + Madianitas  * de dentro: "resmungar" + idolatria Seis notícias de caminhada ("eles partiram de ... e acamparam em...")</p>	<p>Incumbência de ir para a terra</p> <p>Final em 3 partes - caps. 33-34:</p> <p>* Bênção de Moisés sobre 12 tribos</p> <p>* Morte de Moisés</p> <p>* Enterro de Moisés pelo SENHOR ("no céu")</p>

**Quadro 01** – Estrutura de Paralelismo menorático para o Pentateuco

**Fonte:** ZENGER, 2003, p. 48ss, In: MORAES, 2016, p. 58

Nem todos concordam com esta estrutura. Para alguns, embora haja um estreito alinhamento entre cada livro do Pentateuco, os mesmos não estariam assim tão bem delineados. Por exemplo, enquanto Êxodo, Levíticos e Números formariam uma unidade bem coesa, de pertença mútua, Gênesis e Deuteronômio entrariam na moldura final apenas como prólogo e epílogo, respectivamente.<sup>7</sup> Curiosamente, este mesmo princípio é encontrado no trecho de Gênesis 1.3, onde o texto de Gênesis 1.2-31 estaria num padrão de paralelismo estrutural do tipo A-B-C-A'-B'-C' e os versos 1.1 e 2.1-3 seriam a moldura que introduziria e finalizaria o primeiro cântico da criação.

Voltando ao Pentateuco, acredita-se que além de mera introdução ou conclusão, ambos os livros (Gn e Dt) também posam ter sido editados seguindo o padrão menorático mais claro encontrados nos outros três livros centrais (Êx, Lv e Nm). Assim, além daquela distribuição defendida por Zenger, pode-se observar que tanto o livro de Gênesis, quanto o de Deuteronômio também possuem uma subdivisão quádrupla, o que aumentariam a correlação entre ambos, respectivamente, como braços A e A' do paralelismo menorático do pentateuco.

GÊNESIS <sup>8</sup>	DEUTERONÔMIO <sup>9</sup>
A) 1-11 O ciclo das origens	A) 1.1-4.43 O primeiro discurso de Moisés (lembrando a história)
B) 12-36 O ciclo patriarcal	B) 4.44-28.68 O segundo discurso de Moisés (lembrando da Lei)
C) 37- 48 A história de José	C) 29-30 O terceiro discurso de Moisés (lembrando da Aliança)
D) 49-50 Bênção de Jacó aos 12 filhos, sua morte e enterro	D) 31-34 Os últimos momentos de Moisés

**Quadro 02** – Compilação comparativa entre Gênesis e Deuteronômio.

**Fonte:** BRIEND, 1985; ZENGER, 2003 e GUSSO, 2011.<sup>10</sup>

7 WENHAM, 1991, p. 18.

8 As três primeiras divisões de Gênesis são extraídas de BRIEND (1985, p. 16-22) e a quarta divisão é aquela defendida na página anterior por ZENGER (2003, p. 49).

9 Estas quatro divisões de Deuteronômio proposta neste quadro foram extraídas de GUSSO (2011, p. 95-96).

10 Este quadro também já havia sido utilizado, anteriormente, em MORAES (2012, p. 59).

Esta análise se torna importante, porque, é provável que este uso do padrão menorático tenha influenciado o autor de Hebreus a usar deste recurso presente na poesia judaica para apresentar sua homilia epistolar. Além disso, também foi importante perceber tal estrutura menorática porque diferentemente do trato tradicional acerca da poesia no AT, que defende os paralelismos incluindo os padrões menoráticos apenas para poucos versos,<sup>11</sup> aqui se teria um conjunto de cinco livros arrolados em torno deste aspecto poético da poesia hebraica. Ou seja, os cinco primeiros livros teriam sido arrolados entre si, em torno da temática do relacionamento de Deus para com Seu povo e seus desdobramentos.

## 2. ENTENDENDO O LIVRO DE GÊNESIS

Aqui, será analisado, rapidamente, sobre a estrutura do livro de Gênesis, com destaque para a estrutura dos relatos patriarcais e alguns detalhes sobre datação. Logo de imediato, tem sido comum observar uma divisão bem simples para o primeiro livro da Bíblia, sob a perspectiva de apenas duas grandes partes.<sup>12</sup> A primeira, contemplando Gênesis 1 a 11, sob a temática “a história primeva”<sup>13</sup> (contendo a criação do mundo e o surgimento das demais nações) e, no segundo bloco a saga dos patriarcas,<sup>14</sup> abrangendo os capítulos de Gênesis 12 a 50.

Assim como o Pentateuco, ao que parece, Gênesis não é um produto direto da pena de um único autor. Todavia, isso, por si só, não serve como base sólida para se ignorar a inexistência histórica de suas narrativas, como fazem alguns teóricos. Pois, muito provavelmente, muitas dessas histórias foram criadas e transmitidas oralmente através dos séculos e de forma isolada umas das ou-

11 NUNES JÚNIOR, 2012, p. 80-86.

12 Um exemplo disto é LÓPEZ (2004, p. 64,80). Ele divide o livro de Gênesis em: “História das origens (1.1-11.26)” e “Histórias dos Patriarcas (11.27-50.26)”.

13 KIDNER, 2008, p. 40.

14 Ou “a família escolhida”, conforme mencionado por KIDNER, 2008, p. 40.

tras. Só como exemplo, pode-se citar: a) Smith, que menciona que a intenção maior do autor final de Gênesis, ao citar a criação era indicar que Deus é o criador de todas as coisas e não meramente uma explicação de como tudo aconteceu;<sup>15</sup> b) Gusso, que lembra o leitor sobre a existência de dois relatos com peculiaridades distintas sobre a criação humana, indicando não contradição, mas que o autor devia ter, no mínimo duas fontes distintas, porém complementares,<sup>16</sup> e, por fim, c) López e sua teoria tríplice<sup>17</sup> sobre o surgimento das narrativas de Jacó e seus descendentes.<sup>18</sup>

Mesmo sendo um livro, que muito provavelmente teve a participação de vários autores, mesmo assim é possível perceber aspectos relacionados a uma estrutura geral pré-concebida. Por exemplo, os onze primeiros capítulos de Gênesis teriam sido dispostos numa certa correlação entre suas partes:

Braço A	Braço B	Braço C	Braço D	Braço C'	Braço B'	Braço A'
Gn 1 a 2.4a	Gn 2.4b a 4.26	Gn 5.1-32	Gn 6.1 a 9.29	Gn 10.1-32	Gn 11.1-9	Gn 11.10-26

**Quadro 03** – Estrutura de Gn 1 a 11, em padrão de paralelismo menorático.

**Fonte:** SCHWANTES, 2002, p. 51.

Sobre o possível propósito do bloco referente aos patriarcas, o autor de Gênesis (ou redator final) tinha em mente uma contribuição muito maior sobre a unificação de Israel do que a preocupação com qualquer reconstrução dos fatos.<sup>19</sup> Não entendendo este dinamismo e interesse é que, talvez, tenham surgido

15 Para maiores detalhes ver SMITH, 2001, p. 167-179.

16 GUSSO, 2011, p. 13-15.

17 “a) seria o resultado redacional obtido com a junção de vários relatos de grupos distintos, isso levando-se em conta os estudos histórico-críticos clássicos; b) a existência de uma história unificada, abrangendo desde o nascimento, os primeiros encontros dos dois irmãos, o relato de Betel, o encontro entre Jacó e Labão e seu retorno a Canaã, conforme interpreta os estudos histórico-críticos recentes; e c) para os estudiosos de estilo sincrônico, a história de Jacó é considerada como uma unicidade” (LÓPEZ, 2004, p. 94 Apud MORAES, 2012, p. 64).

18 Para maiores detalhes, ver LÓPEZ, 2004, p. 94s.

19 GOTTWALD, 1988, p. 163.

alguns autores, que vislumbram a teoria de que Jacó teria sido o representante de um clã qualquer e, ao se fundir com outro, chamado de Israel, mais pra frente se fundiram com outro de descendência a partir de um tal de Isaque. Assim, o Abraão que seria pai apenas de Isaque, passa a ser reconhecido como o avô desta nova coligação das tradições patriarcais.<sup>20</sup> Ou ainda outra teoria de que, inicialmente, eram quatro clãs distintos: o de Jacó, com seu *El Betel*; o de Israel, com seu *El Berit*, em Siquém; o de Abraão, com seu *El Shaday*, em Mambré; e o de Isaque, com seu *El Olam*, em Berseba.<sup>21</sup>

Aqui, porém, segue-se a ideia tradicional de que Abraão, Isaque e Jacó (mais tarde denominado Israel) teriam sido parentes, de fato. Todavia, não se tem a intenção de entrar em maiores detalhes. Por ora, analisa-se a história canônica, a fim de vislumbrar o que os israelitas do deserto e, mais tarde, assentados em Canaã entendiam como descanso divino. Há autores que seguem uma linha similar, quando convida a respeitar o caráter do texto, mesmo que o mesmo não siga os passos historiográficos atuais e possam se preocupar muito mais com a transmissão das sagas de seus antepassados em vez de uma reconstrução histórica aos moldes científico-acadêmico dos dias de hoje.<sup>22</sup>

Outros autores, embora procurem explicar os surgimentos das várias sagas, de forma alheia à tradicional, chegam à conclusão de que tais histórias, como descritas nas páginas de Gênesis, não podem ser descartadas como totalmente não históricas.<sup>23</sup> Além disso, cada um dos três blocos literários Gênesis 12 a 25, Gênesis 25.19-36 e Gênesis 37 a 50, que tratam sobre os patriarcas Abraão, Jacó e José, respectivamente, podem ser con-

20 Este parágrafo é um brevíssimo resumo da obra de MICHAUD (1983. p. 43-100).

21 MICHAUD, 1997, p. 70s.

22 RENDTORFF, 2009. p. 49.

23 Como a) CERESKO (1996. p. 51,55), que descreve Israel como uma coligação de tribos aparentadas entre si. Segundo ele, esta nação seria a junção de um grupo tribal chamado Jacó (que teria sido o patriarca com um poder centralizador maior) com outra tribo chamada Judá (formada pela junção de pelo menos dois grupos: o de Abraão e o de Isaque); e b) RAST, 1972. p. 54-55.

siderados como relatos com certa independência. Os principais defensores desta hipótese são, respectivamente, Schwantes,<sup>24</sup> Jarschel<sup>25</sup> e Reimer.<sup>26</sup> Há ainda quem considere “os patriarcas como personagens históricos”, embora os veja como pertencentes a diferentes grupos.<sup>27</sup>

Uma observação muito significativa e pertinente, a partir desta dupla divisão é perceber que os 38 capítulos destinados aos patriarcas, possui uma subdivisão bem clara: Gênesis 12 a 36 narra a história de Abraão, Isaque e Jacó (os três patriarcas do povo) enquanto que Gênesis 37 a 50 cuida de descrever a saga de José, por meio da narrativa de uma novela. O que tem incomodado este autor há alguns anos é: Por que José teria uma atenção toda especial, enquanto os três patriarcas tem suas narrativas condensadas e intercaladas entre si?

Esta inquietação persiste mesmo na divisão quádrupla, considerada anteriormente, no quadro XXX, na qual Gênesis 1 a 11 descreve o ciclo das origens, Gênesis 12 a 36 o ciclo patriarcal, Gênesis 37 a 48 a história de José e Gênesis 49 a 50 o desfecho de Jacó. Isto, porque, em geral, quando os patriarcas são mencionados, não se imagina inserir José entre eles. Eis algumas tentativas de justificativa ou, pelo menos, ensaios de explicação: para alguns, a saga de José seria uma narrativa independente procurando descrever o surgimento do povo hebreu, em especial, a partir de sua saída do Egito e, nesta versão, os outros patriarcas não ganharam destaque.<sup>28</sup>

Outra possibilidade, diz que a história de José serviria de apologia aos abusos cometidos pela monarquia israelita, dando-lhes um conceito de aceitação divina.<sup>29</sup> Todavia, além de não passarem de teorias a serem provadas, não conseguem trazer

24 SCHWANTES, In: RIBLA, 1995, p. 48.

25 JARSCHER, In: RIBLA, 1995, p. 55.

26 REIMER, In: RIBLA, 1995, p. 69-70.

27 ALT, apud RENDTORFF, 2009, p. 37.

28 Para outras informações a respeito dessa teoria, consultar, respectivamente, DE PURY, (1996, p. 80s).

29 REIMER, In: RIBLA, 1995, p. 69-70.

uma resposta definitiva sobre a questão. Mesmo porque, uma delas ignorou o fato de que embora José tenha “comprado” todo o Egito, grande parte de sua saga narra-o em sofrimento sabendo aguardar o agir divino e, acima de tudo, mantendo-se fiel aos preceitos de sua fé. Certamente, se fosse uma história escrita apenas com o intuito de justificar os desmandos dos reis de Israel, não teria lógica terem registrado uma espiritualidade tão grande entre José e seu Deus.

Esta dificuldade persiste, mesmo quando se considera a outra possível estrutura de Gênesis, a partir dos dez relatos iniciados com a palavra *Toledot*.<sup>30</sup> Todavia, embora haja discussão no sentido de entenderem melhor o relacionamento destas 10 histórias<sup>31</sup> com a divisão quádrupla<sup>32</sup> de Gênesis, uma coisa é muito certa: nas divisões tradicionais, seja ela defensora de dois grandes blocos, em quatro ou em dez, em todas elas, a saga de José pertence ao grupo dos patriarcas. Por isto, e ao lembrar da estrutura do Pentateuco, que parece direcionar para relacionamento de Javé com seu povo, acredita-se que José tenha um paralelo maior e muito mais significativo com os três patriarcas. Em especial, sob a temática do relacionamento de Javé com seu povo.

### 3. OBSERVANDO A ESTRUTURA DA NARRATIVA PATRIARCAL (GN 12 A 50)

Pelo fato do período relacionado à história dos patriarcas ser um tanto longo e com uma literatura relativamente extensa (38 capítulos), optou-se em vislumbrá-la a partir de pequenas

30 Palavra traduzida, geralmente como gerações descendentes ou origens.

31 Como existem dez relatos das *Toledot*, alguns acreditam que, ao menos, inicialmente, existiram como relatos separados ou porções menores de registro das histórias do início do povo de Israel ou ainda, como prova de que Gênesis não pertenceria, inicialmente, ao grupo da Toráh. Todavia, são debates ainda sem conclusões (GUSSO, 2011, p. 12).

32 Embora López (2004, p. 63) tenha proposto uma explicação, um tanto simplista, dizendo que “As dez seções encabeçadas pelas fórmulas *toledot* se dividem em dois grandes tratados: 1º) a ‘História das Origens’ (1,1-11,26), integrada por cinco fórmulas *toledot*; 2º) Histórias patriarcais (11,27-50,26), composta pelas outras cinco fórmulas *toledot*, três das quais introduzem seções narrativas, cada uma com um personagem sobressalente [sic]: Abraão, Jacó e José.”

subdivisões,<sup>33</sup> conforme exposto no quadro a seguir:

Trechos	Assunto	Destaques principais sobre cada patriarca
Gn 12 a 25.18	A história de <b>Abraão</b>	12.1-7 Recebe a bênção divina e chega à terra prometida. 12.10-20 Desce para o Egito e nega que Sara é sua esposa 13 Separasse de Ló e recebe nova bênção divina 15 Deus lhe promete um filho 16 Agar é dada como concubina 17 Deus promete, novamente um filho 20 Nega novamente que Sara é sua esposa 22 É provado
Gn 21 a 27	A história de <b>Isaque</b> <sup>34</sup>	22 Desce do monte com certo trauma de seu relacionamento com Deus 24.63 Tinha uma vida de meditação 25.21 Orou pela esterilidade de Rebeca 26.1-6 Deus aparece a ele e o abençoa 26.7ss Nega que Rebeca é sua esposa 27 Ignora as ordens divinas e procura abençoar a Esaú

33 Neste primeiro momento, focar-se-á na simples leitura de uma versão em português e, principalmente, sem considerar a possível distinção entre José e os patriarcas.

34 Entrelaçada entre as histórias de Abraão e a de Jacó.

<p>Gn 25.19 a 36</p>	<p>A história de Jacó</p>	<p>25.29ss Aproveita da fraqueza de seu irmão para ter o direito à bênção da primogenitura                  27 Envolve-se numa armação para conseguir a bênção que seu pai daria a seu irmão                  28 Tem uma visão divina e recebe Sua bênção                  29 É enganado por Labão                  30 Acaba tendo duas esposas e duas concubinas, por meios de negociações.                  30.37ss Conseguir aumentar o seu rebanho por intermédio de artimanhas                  31 Recebe a orientação divina para voltar para sua terra, mas sai fugido e odiado na casa de seu sogro                  32 Luta com o Anjo do Senhor                  33 Enfrenta o reencontro com seu irmão com medo, estratégias e presentes                  35-37 Possui uma família bem desequilibrada</p>
<p>Gn 37 a 45</p>	<p>A história de José</p>	<p>37 Tem dois sonhos de que ele seria grande                  37 É recriminado, odiado, maltratado e vendido pelos irmãos                  39 Cresce na casa de Potifar, mas é traído por sua senhora                  40 Cresce na prisão, interpreta dois sonhos                  40.14 Solicita intercessão ao copeiro                  40.23 O copeiro se esquece de José                  41 Dois anos após, José interpreta os sonhos do Faraó e é colocado como Governador geral                  42-45 Trabalha no processo de restauração de seus irmãos</p>
<p>Gn 46 a 50</p>	<p>O reencontro de Jacó com José</p>	<p>46 Manda trazer seu pai e os demais para a terra de Gózen                  50.15ss José perdoou a seus irmãos                  50.25 Pede para seus irmãos levarem seus ossos do Egito, quando Deus os tirasse dali.</p>

**Quadro 04** – Relação entre as histórias dos três patriarcas e José (Gn 12 a 50).

**Fonte:** A BÍBLIA, 2008, p. 12-58.

Diante desse breve panorama, acredita-se que a história de José não esteja ali sem uma intencionalidade maior, pretendida pelo autor ou editor final do livro de Gênesis. Assim, defende-se a ideia de que José seria um ótimo exemplo (talvez até mesmo um tipo) do verdadeiro servo de Deus. Ou seja, enquanto seus pais tiveram claras demonstrações da presença e da bênção de Javé e não conseguiram manter-se fieis e constantes em suas jornadas, José foi diferente. Embora só tivesse tido dois sonhos como revelação divina (cf. Gn 37,5e9), mostrou-se totalmente fiel e dependente o tempo todo.

Em outras palavras, contrariando a tradição familiar no uso de artimanhas e manipulações para conquistar ou garantir a bênção divina, José não fez nada que pudesse denegrir sua vida de relacionamento com seu Deus. Curiosamente, a única coisa que ele fez, no sentido de procurar uma alternativa para mudar seu futuro foi pedir ao copeiro que se lembrasse dele, quando retornasse à sua posição de origem.<sup>35</sup> Todavia, por ironia do destino, embora seria um pedido totalmente válido e sem qualquer aspecto de articulação<sup>36</sup> mundana ou meramente política, o copeiro esqueceu-se completamente de José e só veio a se lembrar dele, dois anos mais tarde, quando o Faraó precisou de ajuda.<sup>37</sup>

Outro detalhe que pode corroborar com esta linha de raciocínio é o fato de Brueggemann<sup>38</sup> e Fishbane<sup>39</sup> defenderem a ideia de que a saga de Jacó (Gn 25.19 a 35.29) ter sido disposta em um padrão menorático, no qual o nascimento de José estaria no centro. Convém lembrar que, geralmente, o assunto central neste tipo de poesia é a parte mais importante dentre os assuntos abordados.

35 Cf Gn 40.14.

36 Embora haja toda uma trama bem elaborada (Gn 44-45), a fim de trabalhar no processo de restabelecimento da saúde familiar de seus irmãos, José já se encontrava no poder e a faz, ao que parece, para levar seus irmãos a refletirem no que acontecera e aguçar seu senso de irmandade. Algo bem diferente de se usar a trapaça para adquirir algo pra seu proveito.

37 Cf Gn 41.9-14.

38 BRUEGGEMANN, 1982. p. 213.

39 FISHBANE, 1998, p. 42.

A	25.19-34	Oráculo buscado, disputa no parto de Rebeca, direito de primogenitura, nascimento e temas de lutas, engano e fertilidade.
B	26	Interlúdio, contenda, engano, bênção de primogenitura e aliança com estrangeiro.
C	27.1-28.9	Engano, roubo da bênção do primogênito, medo de Esaú e “desterro”.
D	28.10-22	Encontro com o divino em local sagrado, região fronteira e bênção.
E	29	Abertura de um ciclo interno, chegada, Labão na fronteira, conflitos e salário.
F	30.1-21	Esterilidade de Raquel e fertilidade de Lea.
	30.22-36	Fertilidade de Raquel e o aumento dos filhos de Jacó
	30.37-43	Esterilidade do rebanho de labão e fertilidade do rebanho de Jacó
E'	31	Encerramento de um ciclo interno, partida, Labão na fronteira, conflitos e salário.
D'	32	Encontro com seres divinos em local sagrado, região fronteira e bênção.
C'	33	Engano planejado, medo de Esaú, o abençoado dá presentes, e retorno para a terra natal.
B'	34	Interlúdio, contenda, engano, aliança com estrangeiro.
A'	35.1-22	Oráculo cumprido, Disputa no parto de Raquel, direito de primogenitura, morte e resoluções.

**Quadro 05** – Estrutura de Gn 25.19 a 35.22, em forma de Quiasmo.

**Fonte:** FISHBANE, 1998, p. 42. (Tradução nossa)

O mais interessante, é que, ao se observar os acontecidos em cada um de seus braços, percebe-se algumas ideias muito similares às desenvolvidas em Hebreus e na própria história de José. Em outras palavras, na poesia sobre a história de Jacó é possível ver a ideia de trânsito (Jacó indo e voltando de Padã-Harã), a nítida presença da Voz divina procurando nortear a trajetória de seu

servo, as constantes artimanhas, inquietações, conflitos e medo (como contraponto ao descanso apregoado por Hebreus e vivenciado por José) e a grande declaração de que a bênção divina se faz presente apesar do caos e da infalibilidade de seus servos. Assim, a comparação entre Jacó e José volta a ficar mais uma vez evidente. Curiosamente, o seu nascimento é narrado exatamente no meio do padrão poético, indicando o clímax de todo o ciclo. Certamente, mais um indício de que sua novela tem uma forte ligação com a história de seu pai. Não somente isso, mas também pode-se encontrar esta mesma correlação existente entre a saga de Jacó e o livro de Hebreus, em todas as narrativas dos patriarcas, conforme já tinha sido apontado por Alt.<sup>40</sup>

Todavia, para continuar a caminhada, neste sentido, será preciso averiguar um pouco mais sobre os debates relacionados às narrativas do patriarca Jacó e a novela de José. Tanto Rast quanto Noth defendem a ideia de que a tribo de Efraim teve certa influência e importância na elaboração final do ciclo jacobita.<sup>41</sup> Porém, segundo de Pury, precisa ser levado em consideração que as histórias de Gênesis relacionadas a Jacó não o são considerando-o como “o Israel real, mas o Israel das tribos”.<sup>42</sup> Ou seja, são histórias muito antigas, preservadas por sua tradição oral e que, não se pode simplesmente entregá-las “de mão beijada aos detentores do poder”.<sup>43</sup>

Além disso, a partir de uma rápida olhada no texto bíblico, soaria um tanto estranho encarar a saga jacobita sob o viés efraimita.<sup>44</sup> Primeiro, porque não seria fácil a aceitação da superioridade da tribo de José e, por outro lado, ao encará-la como

40 A partir da percepção que Alt fez ao analisar os patriarcas, passou-se a aplicar sua correlação ao livro de Hebreus. (ALT, 1987.)

41 NOTH, 1948 apud RAST, 1972, p. 54.

42 DE PURY, In: \_\_\_\_\_, 1996, p. 215s.

43 SCHWANTES, 1986, p. 17.

44 Não foi possível ter acesso aos argumentos utilizados por Martin Noth para esta defesa, mas numa rápida análise a partir da estrutura bíblica, isso poderia facilmente ser deduzido, pois além do nascimento de José estar no centro de um padrão menorático, ele é o grande protagonista da novela encontrada a partir de Gênesis 37.

uma editoração final feita pela tribo de Judá, seria necessário explicar a razão do destaque a um personagem que se mantém firme na dependência a Yahweh. Principalmente porque José é declaradamente abençoado e praticamente evidenciado quase como um “ideal”. Modelo este que faria mais sentido ter sido seguido por Davi e seus sucessores, porque, diferentemente do que ocorria nas sangrentas sucessões ao trono, feita pelas tribos do norte, a dinastia de Davi, bem ou mal, se manteve fiel “a Jerusalém” e de forma alguma, ficaram correndo atrás da “bênção”.

Ou ainda, como parecem mais provável, os delineamentos gerais da composição de ambas as histórias poderiam ser encarados como a compilação de um único povo (antes da divisão dos reinos). Se assim o fora, em lugar de a história de José e sua integridade serem vista como algum tipo de afronta, passaria a ser encarada muito mais como um incentivo de que Javé é o responsável pela bênção. É Ele quem a dá, sem qualquer necessidade de trapaças para adquiri-la. Estando, inclusive, em sintonia, com a declaração de Gênesis 2.2 de que Deus já dispunha de um descanso para aquele que ouvisse Sua voz.

Certamente, para a proposição desta ideia, seria necessário considerar mais a historicidade de tais narrativas.<sup>45</sup> Embora alguns teólogos não creiam nisso, outros concordam com a plausibilidade histórica de Jacó.<sup>46</sup> Ou, então, que as unidades menores, utilizadas na composição do Pentateuco, surgiram por meio de memórias familiares,<sup>47</sup> e ainda Rast, com sua explicação

45 “Quando defendemos aqui a historicidade dos eventos, o fazemos em especial relacionado aos seus personagens e, principalmente, admitindo um peso histórico maior para o conjunto, em contraponto com a ideia de enxergá-los apenas como mera ficção. Ainda, também percebemos e seguimos certo consenso de que a história narrada é muito mais antiga do que a narrativa registrada. Entendendo, como defende Schwantes, que ele é composto de genealogia, narrativas etiológicas, aparições teofânicas, contos e histórias. Mas, que de uma maneira geral, são coesas em si mesmas e possuem um dinamismo interno bem acentuado. (SCHWANTES, 1986, p. 16-20) Além disso, a mesma foi desenvolvida e mantida por muito tempo, a partir de seu início, pela tradição oral e, que, não obstante o surgimento das perícopes a partir da micro-estrutura familiar, percebe-se nas obras analisadas que houve um período posterior onde estas foram reorganizadas, colecionadas ou editadas.” (MORAES, 2012, p. 71s.)

46 DE PURY, In: \_\_\_\_\_, 1996, p. 215s.

47 SCHWANTES, 1986, p. 16.

de como se desenvolveram as narrativas orais e como chegaram a serem compiladas como obra escrita.<sup>48</sup> Por fim, opta-se em seguir o princípio de dar maior importância na mensagem do Pentateuco em sua formulação final,<sup>49</sup> haja vista ter sido o texto que o autor de Hebreus tinha em mãos.

## 4. ANALISANDO A RELAÇÃO TEOLÓGICA ENTRE GÊNESIS E HEBREUS

A partir dos apontamentos levantados, até aqui, crê-se que o livro de Gênesis, além de estar sob a égide do relacionamento<sup>50</sup> SENHOR-humanos, portanto em total sintonia com o Pentateuco, tem boas chances de ter sido utilizado como protótipo estrutural de segmento veterotestamentário<sup>51</sup> para o livro de Hebreus. Curiosamente, embora alguns tenham procurado definir o tema central do AT a partir dos três primeiros capítulos de Gênesis sob o conceito da “criação”, ao ler os primeiros capítulos da Bíblia, percebe-se que o autor de Gênesis estava interessado em declarar não apenas a criação do universo, mas dar uma

48 RAST, 1972, p. 34-37.

49 GUSSO, 2003, p.101.

50 Segundo Hasel, nos últimos anos surgiram um pouco mais de trinta tentativas de se descobrir o tema central de todo o AT. Alguns foram propostas únicas, outras duplas ou multifacetadas, havendo inclusive os defensores de uma falta de tema unificador geral, como George Ernest Wright. O interessante, é que uns dez deles, acabam girando próximo da ideia de relacionamento, que segundo Zenger, seria o tema do Pentateuco. Tais como: a ideia de Pacto (defendida por Eichrodt), Experiências com Deus (por O. J. Baab), o Senhorio divino (por Koehler), Eleição de Israel como povo de Deus (por Hans Wilberger), o Reino divino (por Guenther Klein), Comunhão (por Vriezen), Governo divino e comunhão Deus-humanidade (por Fohrer), Javé como Deus de Israel e Israel como povo de Javé (por Rudolf Smend), (HASSEL, 1991, p. 139-171). A obra de SKA (2016), traz muitas informações acerca de autores e teorias sobre o Pentateuco, mas não menciona nada sobre Zenger e sua teoria do quiasmo para a estrutura dos cinco primeiros livros, bem como não se preocupa em propor algum tema que pudesse ser considerado como central ou unificador para este grupo de livros.

51 Seguindo a teoria de Beale (2013, p. 111.) que levanta a hipótese de alguns trechos do NT ter sido escritos de forma a seguir ou imitar a estrutura de algum texto ou perícopes apresentada no A.T. Por exemplo: Dn 7 teria sido inspirativo para o registro das visões relatadas em Ap 4.5, Ap 13 e 17; e os capítulos de 14 de Mt, 13 de Mc 13 e 21 de Lc teriam seguido Dn 7 como um molde estrutural para registrar o sermão profético de Jesus. Outra forma de protótipo pode ser visto como ao vários paralelismo estrutural e menorático encontrado em hebreus, que certamente, tinha em vista tais estruturas nos livros do AT considerado como base de sua Teologia. Para maiores informações acerca do uso poético em Hebreus, ler VANHOYE (1983).

atenção especial ao lugar de Adão e Eva como representantes da humanidade: mencionando a sua origem, a forma de seu trabalho, sua relação com o meio ambiente e seu dia de descanso. Além disso, acima de tudo, revelar o caráter do próprio Deus, revelando-O como um ser íntimo e cuidadoso, explicando o início da inquietação moral da humanidade, bem como mostrando sua tendência a ter um coração arredio à voz divina.<sup>52</sup> Em suma, o trecho de Gênesis 1-3 trata muito mais do relacionamento entre O SENHOR, Sua criação e a própria humanidade do que sobre o evento criacional em si.

É bem provável que, tanto a estrutura menorática da montagem final do Pentateuco e em partes do Gênesis, quanto esta temática geral, tenham influenciado o hagiógrafo neotestamentário a expor suas ideias seguindo esse mesmo padrão. Além disso, alguns assuntos presentes nestes livros do AT, também voltam à tona no escrito aos Hebreus. Noutras palavras, em ambos os livros é possível encontrar:

- a) um Deus que cria algo novo. Enquanto em Gênesis, apresenta Elohyim/SENHOR<sup>53</sup> trazendo o mundo e suas nações à existência, para se relacionar com eles, em Hebreus, há a declaração do Filho criando a possibilidade da regeneração;
- b) um Deus que se relaciona e constantemente faz com que Sua voz esteja à disposição da humanidade. Enquanto em

52 DAVIDSON, 2006, p. 7-10.

53 Segundo Davidson, diferentemente dos anos iniciais da pesquisa, quando se defendiam duas fontes distintas para explicar as diferenças entre os capítulos 1 e 2 de Gênesis, ultimamente tem sido encarado a possibilidade de elas terem sido intencionalmente criadas pelo mesmo autor, a fim de enfatizar questões distintas relacionadas com o caráter divino. Ou seja, quando o primeiro relato mostra Deus como Elohyim, estaria enfatizando Seu caráter transcendental, todo poderoso e onipotente ao criar e conseqüentemente por isto é o Senhor de toda Sua criação. Enquanto no segundo cântico sobre a criação, o hagiógrafo estaria introduzindo o nome Javé, por ser o nome mais oficial pra Deus, o nome pessoal, indicando o Deus do pacto, um ser íntimo e cuidadoso, que procura estar próximo de Sua criatura (DAVIDSON, 2006, p. 8s.)

Gênesis pode-se perceber as várias aparições Teofânicas,<sup>54</sup> como em Gênesis 3.8; 15.1-21; 17.1-21; 18.33; 26.2-5,24; 28.12-16; 32.24-32,<sup>55</sup> em Hebreus 1.2 há a declaração de que Deus havia enviado Sua revelação máxima, por meio do Filho e em Hebreus 3.7,15, mostra que Seu Espírito ainda se dispõe a falar com Seu povo;

c) um Deus que procura estar com a humanidade, a despeito do comportamento inconstante e oscilante desta. Em Gênesis 3 é descrito a figura do primeiro casal que, mesmo diante do paraíso, opta por esconder-se de Seu Deus. Ou, ainda, nos vários exemplos deixados ao longo do livro, em Gênesis. Não apenas os mais chocantes, como Caim (Gn 4.6-10), a sociedade antediluviana (Gn 6.1), a coligação de Ninrode (Gn 10.8; Gn11.1-9), ou a tragédia de Sodoma e Gomorra (Gn 18.20; Gn 19.17,26), como também na própria trajetória dos patriarcas, que mesmo sendo considerados como exemplos de fé, uma vez ou outra deixavam sua marca de incredulidade e/ou desobediência (cf. Gn 12.4; Gn 16.1-4; Gn 25.21-23 e Gn 27.1-4). Em contrapartida, o autor de Hebreus acaba sendo bem enfático em expor a diferença entre os infiéis e os fiéis no povo de Deus, em sua época;

d) a importância de se dar ouvidos à voz divina. Além dos vários exemplos de que Deus se dispôs a estar com Seu povo e os exemplos da inconstância deste em seu relacionamento com Deus, também é nitidamente catastrófico, o resultado da atitude de se ignorar a Sua voz. Enquanto o autor de Gênesis mostra que só há o que perder, quando não se dá ouvidos às instruções divinas, como expulsão do paraíso, tragédias familiares, corrupção generalizada, destruição diluviana, intervenção divina, separação e desterro. Para o autor de Hebreus, a tragédia é elevada a

54 Aqui adota-se o conceito mais genérico para o termo, ou seja, procura-se englobar todas as formas de Deus se relacionar ou se apresentar a algum humano, sem se ater em algumas especificidades. Mas, entende-se, a partir de Smith, que teofania, em sua essência, diz respeito à revelação divina, em especial, por meio de seu "kabôd (glória), mal'ak (mensageiro ou anjo), panim (face) e shem (nome) [...] tecnicamente conhecidos por teologômenos..." tais 'representações procuram mostrar a real natureza da divindade, embora jamais consiga revela-La de forma plena (SMITH, 2001, p. 103.).

55 SMITH, 2001, p. 103.

uma dimensão ainda maior, a espiritual, pois segundo ele, além da Voz divina auxiliar a continuar firmes (Hb 2.1), não há nada que possa ajuda-lo, caso venha a ignorá-la (Hb 2.3);

e) um Deus que se relaciona com seu servo Abraão e sua descendência. Em Gênesis é descrito o Criador prometendo Sua bênção a Abraão (Gn 18.17-19) e, confirmando a seus descendentes Isaque (Gn 26.2-6) e Jacó (Gn 28.13-15). Já nosso hagiógrafo neotestamentário deixa claro que o Filho participou de nossa humanidade com o objetivo de prestar auxílio à descendência abraâmica (cf. Hb 3. 14-16);

f) um Deus que provê descanso, ao declarar, em Gênesis 2.2, que Ele próprio descansou. Muitos têm entendido que Deus o fez não porque Ele precisasse, mas como um verdadeiro exemplo a ser seguido. E também pela afirmação em Hebreus 4.9 de que Deus ainda tem um descanso especial reservado às pessoas que creem nEle;

g) a não apropriação de um paraíso construído e deixado à disposição humana. Assim como Gênesis 3 demonstra a queda da humanidade e sua expulsão do paraíso, Hebreus é claro em evidenciar que a geração do deserto perdeu a chance de entrar na Terra prometida e, pior, a cena podia voltar a acontecer com os seus ovinos, pois alguns estavam tendendo a regressar às práticas judaicas, deixando de lado a tão esperada salvação (Hb 4.1);

h) a ideia de caminhada ou peregrinação. Curiosamente, os patriarcas, com certa frequência, estiveram em Canaã, porém, sempre o foram como nômades ou transeuntes.<sup>56</sup> Eles tinham a promessa de que aquela terra seria deles, mas só foram tomar posse da mesma, alguns séculos mais tarde, com a saída do Egito. Este mesmo pensamento volta a ser trabalhado pelo

<sup>56</sup> É bem verdade que tinham alguns pontos de referências mais fixos, como poços (Gn 21), algumas rotas de pastagem ou lugar para sepultar seus membros (Gn 24). Mesmo que, segundo Ballarini, na bênção que Isaque profere a Jacó, em Gn 27.28, explicita a necessidade de um território definido (BALLARINI, 1975, p. 115.), ainda assim, de fato, eram nômades e como tais, mais se assemelham à ideia de peregrinos do que um povo com uma terra para se estabelecer.

autor de Hebreus. Seu posicionamento principal é de que seus ouvintes, em especial os crentes, são como peregrinos rumo ao verdadeiro lar. Sua passagem por esta terra pode até se dar por meio de sofrimento e aflição, eles até podem andar “errantes pelos desertos e montes, e pelas covas e cavernas da terra”, mas o mundo que os levam a esta condição é que não era digno da presença destes fiéis e, acima de tudo, Deus tem reservado algo muito maior e melhor para os Seus (Hb 11.38-40);

i) a importância de uma vida pautada por fé e obediência. Embora a humanidade esteja rodeada de dificuldades, próprias desta era, há pessoas que por meio de sua fé em Deus foram obedientes à Suas instruções e venceram. Isto fica claro tanto em Gênesis quanto em Hebreus;

j) o apego em uma esperança que não se contenta a deixar atrelados apenas no aqui e agora, mas que vai além de um mero horizonte histórico e físico. Conforme Schwantes, “uma certa especificidade bíblica reside em sua insistência no amanhã. A Bíblia promove o futuro. É um livro para a militância do porvir.”, esta percepção também pode ser restringida nestes dois livros em estudo (Gn e Hb)<sup>57</sup>; e por fim,

k) nada pode frustrar os planos divinos. É interessante como os autores bíblicos não escondem as falhas das pessoas, mesmo que elas sejam os personagens principais em certas narrativas. Desta feita, pode-se perceber várias descrições de percalços que parecem atrapalhar o rumo dos planos ou das promessas do SENHOR. Todavia, nenhuma delas deixaram de ser cumpridas. Isto volta a ser destacado pelo autor de Hebreus, quando ele enfatiza que embora os seus pais não entraram no descanso, isso não serviu de empecilho para que a promessa de Deus fosse anulada. O descanso ainda continua à disposição das pessoas que tiverem fé e obedecerem até o fim às Palavras divinas.

---

57 SCHWANTES, 2002, p. 18, 25s.

## REFERÊNCIAS

ADRIANO FILHO, José. Exposição e parênese como problema literário-teológico: um estudo da estrutura literária de Hebreus. In: **REFLEXUS** - Ano VIII, n. 11, 2014/1, p. 91-125.

ALT, Albrecht. **Terra prometida: ensaios sobre a história do Povo de Israel**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

BALLARINI, Teodorico. **Pentateuco: introdução à Bíblia**. Tradução de Ephraim. Petrópolis: Vozes, 1975.

BEALE, G. K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: exegese e interpretação**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BÍBLIA SAGRADA. Português. **Almeida século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

BRIEND, Jacques. **Leitura do Pentateuco**. 4.ed. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BRUEGGEMANN, Walter. **Genesis: a Bible commentary for teaching and preaching**. Atlanta: John Knox Press, 1982.

CERESKO, Antony R. **Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora**. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 1996.

DAVIDSON, Richard. Volviendo a los orígenes: Gén 1-3 y el centro teológico de las Escrituras. In: ALOMÍA, Merling; et al. (Ed.) **Volviendo a los Orígenes: entendendo el Pentateuco**. VI Simposio Bíblico-Teológico Sudamericano. Lima: Theologica, 2006.

DE PURY, Albert, RÖMER, Thomas. O Pentateuco em questão: posição do problema e breve história da pesquisa. In: DE PURY, Albert (Org.). **O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

FISHBANE, Michael. **Biblical text and texture**: a literary reading of selected texts. Oxford: Oneworld, 1998.

GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução de: Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988.

GUSSO, Antônio Renato. Linhas gerais e novas tendências da crítica do Pentateuco. **Via Teológica**. Curitiba, n. 8, dez. p. 93-94, 2003.

GUSSO, Antônio Renato. **O Pentateuco**: introdução fundamental e auxílio para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2011.

HASEL, Gerhard F. **Old Testament Theology**: basic issues in the current debate. 4.ed. Grand Rapids: Eardmans, 1991.

JARSCHER, Haidi. Ventre, casa, terra: espaços da historiografia sexuada – Gênesis 25-36. In: **RIBLA**: Pentateuco. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, n. 23.

KIDNER, Derek. **Gênesis**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 2008.

LÓPEZ, Félix Garcia. **O Pentateuco**: introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia. São Paulo: Ave-Maria, 2004.

MICHAUD, Robert. **Los patriarcas**: historia y teologia. 2.ed. Estella: Verbo Divino, 1983.

MICHAUD, Robert. **Los Patriarcas**: historia y teología. 4.ed. Estella: Verbo Divino, 1997.

MORAES, R. P. **O direito de primogenitura no Antigo Testamento, à luz das narrativas sobre Esaú e Jacó (Gn 25.19-34 e 27.1-45)**. São Leopoldo, 2012. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2012 Disponível em: <[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=368](http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=368)>. Acesso em: 15 mar. 2016.

NUNES JÚNIOR, Edson Magalhães. **Uma introdução geral à poesia hebraica bíblica**. São Paulo, 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Judaicos) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-15032013-101615/>>. Acesso em: mai. 2015.

PISANO, Stephen. **O texto do Antigo Testamento**. In: SIMIANYOFRE, Horácio et al. Metodologia do Antigo Testamento. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Loyola, 2000.

RAST, Walter E. **Tradition history and the Old Testament**. Philadelphia: Fortress Press, 1972.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaret**. Tradução de Carmen Bas Alvarez. Buenos Aires: Planeta, 2007.

REIMER, Haroldo. A Necessidade da Monarquia para Salvar o Povo: apontamentos sobre a história de José (Gênesis 37-50). **RIBLA** (Pentateuco). Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1995, n. 23.

RENDTORFF, Rolf. **Antigo Testamento: uma introdução**. Tradução de Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã, 2009.

SCHWANTES, Milton. **A família de Sara e Abraão: texto e contexto de Gênesis 12-25**. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1986.

SCHWANTES, Milton. E estas são as gerações de Terá: introdução a Gênesis. **RIBLA** (Pentateuco), Vol./No. 23, p. 45-54, 1995.

SCHWANTES, Milton. **Projeto de Esperança: meditações sobre Gn 1-11**. São Paulo: Paulinas, 2002.

SKA, Jean Louis. **Canteiro do Pentateuco: problemas de composição e de interpretação, aspectos literários e teológicos**. Tradução de Jaime A. Clasen e Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2016.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**: história, método e mensagem. São Paulo: Vida Nova, 2001.

VANHOYE, Albert. **A mensagem da epístola aos Hebreus**. Tradução de Álvaro Cunha, da obra de 1977. São Paulo: Paulinas, 1983.

WENHAM, Gordon J. **Gênesis 1-15**. Waco, Texas: Word Book, 1987. Vol. 1.

WENHAM, Gordon J. **Números**: introdução e comentário. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova e Mundo cristão, 1991.

WESTCOTT, B. F. **The Epistle to the Hebrews**: the greek text with notes and essays. Grand Rapids: Eerdmans, 1952.

WESTERMANN, Claus. **Genesis**. Translated by David E. Green. London & New York: T & T Clark International, 2004.

WIERSBE, Warren W. **Wiersbe's expository outlines on the New Testament**. Wheaton: Victor Books, 1997.

WILLIAMSON, Ronald. **Philo and the epistle to the Hebrews**. Netherlands: Brill Academic Publishers, 1970.

WOLFF, Hans W. **Antropologia do Antigo Testamento**. Tradução de Antônio Steffen. São Paulo: Hagnos, 2007.

WOLFF, Hans W. O dia de descanso no Antigo Testamento. **Estudos Teológicos**. n. 1, ano 12, 1972.

WOOD, Leon J. Ira. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JÚNIOR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

ZENGER, Erich. A Torá / O Pentateuco como um Todo. In: ZENGER, Erich; et al. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2003.

ZENGER, Erich; et al. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2003.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir as verdades da Bíblia**. Tradução de Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons

Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional